

FH nega briga com senador

ROSÂNGELA BITTAR

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso está desde ontem avisando a quem se interessa pelo assunto que não está brigado, estremecido ou rompido com o senador Antonio Carlos Magalhães, de quem divergiu, no início de julho, a respeito da lei que recriou incentivos que permitiram a instalação da Ford na Bahia. A um grupo de pessoas que o provocavam, ontem, sobre este assunto, Fernando Henrique disse que essa briga é uma invenção da imprensa.

Isto significa que, de sua parte, vai telefonar ao presidente do Congresso e convidá-lo a conversar "tão logo chegue da Europa". Quando avisado que ACM já estava ontem mesmo em Brasília, o presidente pareceu de fato surpreso e disse que ia então falar com ele, da mesma forma como ontem já havia se encontrado com o presidente da Câmara, Michel Temer, e pre-

tendia falar com o presidente do PMDB, Jader Barbalho. Cuja volta ao Brasil, de longas férias na Europa, o presidente também desconhecia, embora naquele momento Jader já estivesse cercado por câmeras e microfones no Senado, a 200 metros do Palácio do Planalto.

Vantagem — Ao comentar suas relações com ACM após o episódio Ford-Bahia, o presidente pareceu aos seus interlocutores muito transparente. Disse o que foi de fato desagradável para ele nessa história e em que a instalação da fábrica na Bahia representou vantagem para o país.

Fernando Henrique disse que nunca ficou contra o projeto. A única coisa que pediu, tanto ao senador Antonio Carlos Magalhães quanto a Antonio Maciel, da Ford, que com ele se reuniram, foi que não mexessem na lei. Exatamente o que o presidente não queria que fosse feito, e pediu explicitamente para não fazerem, o Congresso fez dias

depois, sob o comando de ACM: mudou a lei.

Disso o presidente não gostou, fez os vetos que quis, reduziu o subsídio à Ford ao mínimo — os R\$ 700 milhões previstos passaram a ser R\$ 180 milhões, e a empresa ficou satisfeita mesmo assim — a seu ver sem afetar o projeto de instalação da fábrica na Bahia.

Este, sim, totalmente do agrado do presidente que, sobre o assunto, fez o seguinte comentário, ontem: "Ninguém está analisando os ganhos objetivos, que são muitos".

Covas — A começar pela Bahia. O projeto, evidentemente, foi muito bom para a Bahia. Nesta avaliação que o presidente vem fazendo, São Paulo também ganhou com a instalação da Ford na Bahia. Embora às vezes pareça que o governador Mário Covas está ainda furioso com a solução, suas manifestações são vistas em Brasília como uma cena de "mentirinha", para que

ninguém ouse, em momento algum, ludibriar São Paulo.

O argumento que o presidente tem apresentado para chegar a esta conclusão é o seguinte: se a fábrica fosse instalada no Rio Grande do Sul, como estava previsto no início, quem ia ser beneficiada, pela proximidade, era Córdoba, que ficaria responsável pelo fornecimento de peças. Com a mudança do projeto para a Bahia, a vantagem passou a ser da indústria de autopeças do ABC paulista.

E para o Brasil também houve ganhos. A princípio, nesta reflexão do presidente sobre o episódio, a preocupação com os destinos do Mercosul superava em intensidade qualquer possível comemoração, mas à medida em que a Argentina foi percebendo melhor suas vocações e se fixando no agrobusiness como perspectiva de futuro, o Brasil pode reconhecer que, estrategicamente, ganhou todas neste caso, que o presidente considera, agora, encerrado.